



O MISTÉRIO DO CHAMADO: QUESTÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO CANDIDATO AO PRESBITERADO

(The mystery of call: questions on the formation of candidates for the priesthood)

Professor Me. João da Silva Mendonça*

Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade

Xaveriana de Bogotá-Colômbia. Mestre em Educação com

especialização em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Salesiana

de Roma/Itália. Pós-graduado em educação sexual pela UNISAL/SP e em

Comunicação pelo SEPAC e PUC/SP. E-mail: pe.mendonca@hotmail

RESUMO

O autor apresenta os elementos essenciais das Diretrizes sobre a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, a partir do amadurecimento do candidato. Trata-se de uma leitura sincrônica na busca do diálogo construtivo entre a Teologia, Sociologia, Antropologia, Psicologia e Pastoral, sempre na consideração de que o protagonismo do candidato ao presbiterado não pode ser atropelado pela ânsia de atender seus desejos, mas cultivá-los como âncora para seu discernimento. O processo decisional tem sua base na pessoa e se desenvolve com elementos estruturais da história do candidato, das vivências humano-afetivo-sexuais, das experiências eclesiais e das mediações do chamado, formando assim a base do acompanhamento.

Palavras-chave: Desejo. Amadurecimento. Vocação. Formador. Protagonismo. Mediação.

ABSTRACT

The author presents the essential elements of the Guidelines on the training of priests of the Church in Brazil, from the maturing of the candidate. This is a synchronic reading in the pursuit of constructive dialogue between theology, sociology, anthropology, psychology and pastoral care, always in consideration of the role of the candidate for the priesthood cannot be hit by the urge to satisfy their desires, but to cultivate them as an anchor for your insight. The decision making has its basis in person and develops structural elements of the applicant's history, experiences of human-emotional-sexual, experiences and the mediation of the church called, thus forming the basis for monitoring.

Keywords: Desire. Ripening. Vocation. Trainer. Role. Mediation

INTRODUÇÃO

A leitura do Documento 93 da CNBB, que traz as Diretrizes para a formação dos presbíteros no Brasil¹, suscitou em mim a necessidade de fazer ecoar algumas reflexões que exigem de nós melhor sistematização da necessidade de convocar e acompanhar jovens para o ministério presbiteral no complexo quadro cultural da *liquidez*,² que não só desafia o processo formativo, mas também o dificulta e transforma.



O referido Documento da CNBB foi aprovado na 48^a Assembléia Geral dos Bispos em 2010. É fruto do impulso do Concílio Vaticano II (1962-1965), da *Ratio Fundamentalis*,³ do II Congresso Internacional de Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesiais,⁴ da grande pesquisa feita pela Obra Pontifícia das Vocações eclesiais⁵ e da valiosa produção da CNBB desde os anos 70, com ousadas orientações e Congressos vocacionais, que traçaram rumos significativos para a Animação Pastoral na Igreja do Brasil. O ponto culminante, certamente, foi o Sínodo sobre a formação dos Presbíteros de 1990, que expôs com clareza a situação e buscou novos horizontes de ação.⁶

Evidentemente, não podemos esquecer o rico processo de amadurecimento da Teologia Vocacional das últimas décadas com os Congressos continentais e nacionais sobre a pastoral vocacional.⁷ O texto das Diretrizes engloba essas contribuições e *expressa a razão da formação, o fundamento, o princípio que anima a ação formadora [...] cuja meta é imprimir unidade ao processo de formação inicial dos futuros presbíteros*. O documento dos Bispos exorta os *Institutos de Vida Consagrada e sociedade de Vida Apostólica a levarem em conta as Diretrizes dentro da especificidade de sua vida e ação, de modo a promover a unidade em tudo o que é essencial na formação presbiteral*.⁸ Percebe-se aqui um justo chamado a eclesialidade, pois o presbítero não é chamado por Deus para ser patrimônio absoluto de um Movimento ou Instituto religioso, que correria o risco de formar um segundo clero, mas para ser discípulo missionário de Jesus Cristo na Igreja e para a Igreja.⁹

Esta reflexão que compartilho com o leitor tem a seguinte estrutura: um centro fundamental, quatro aspectos fundantes para a formação e uma base de sustentação do processo. No centro de toda a formação, está a pessoa do candidato ou *vocacionado*, como aparece no texto,¹⁰ termo não muito feliz porque todo cristão é vocacionado, chamado, convocado. Aliás, a Igreja é Assembléia dos vocacionados.¹¹ O candidato, portanto, é o protagonista *insubstituível de todo o processo de sua formação*.¹² Somente a pessoa chamada tem a chave para abrir a porta e mergulhar no Mistério de Deus que chama para uma missão específica na Igreja.

O primeiro aspecto é a *família*, berço da vida e do qual desencadeia todo o processo de diálogo, resposta e amadurecimento vocacional, mas é também a tensão de maior conflito hoje devido aos graves problemas da sociedade.¹³ O segundo aspecto: são as *vivências humano-afetivo-sexuais* que acompanham o processo desde o ventre materno e influenciam nas escolhas e no dinamismo de fidelidade. No terceiro, temos as *experiências de vida eclesial e grupal*, que orientam ao discipulado e à missão, pois se o candidato não beber da fonte comunitária, como poderá sentir os apelos da missão? Agora, o último aspecto da minha análise: são as *mediações do chamado*, ou seja, os meios pelos quais Deus se manifesta e chama quem ele quer. Na base de todo este itinerário, está o *acompanhamento grupal e individual* que, na animação vocacional, é fundamental para o correto discernimento.



A partir deste amplo horizonte de compreensão das Diretrizes, procurei refletir, com a sensibilidade de padre religioso salesiano, na tentativa de contribuir com os agentes de animação vocacional e formadores. Não poderia também deixar de chamar para este diálogo a contribuição de outras ciências, além da Teologia, para enriquecer o processo, pois não podemos apenas repetir conceitos, mas procurar gerar pistas, caminhos novos e renovar a esperança.

1. PRIMEIRO ASPECTO: O CENTRO FUNDAMENTAL, A PESSOA DO CANDIDATO

O Documento que orienta a formação dos salesianos de Dom Bosco define a formação como: *saber acolher com alegria o dom da vocação e torná-la real em cada momento e situação da existência. Formação é graça do Espírito, atitude pessoal e pedagogia de vida,*¹⁴ portanto, o protagonismo é do candidato. Não é de hoje que se defende o protagonismo do candidato no processo formativo,¹⁵

A vocação ao presbiterado é, antes de tudo, um dom de Deus. Esse dom consiste num impulso, num apelo, numa graça interior, que convida o sujeito ao qual Deus se dirige a perceber a Sua vontade, ajudando-o a aderi-la. O batizado deve se colocar à escuta humilde do chamado do Senhor, adorá-lo, agradecer-Lhe pelo dom que Lhe é ofertado e preparar-se para recebê-lo com uma resposta livre e generosa.¹⁶

Diante disto, podemos considerar um candidato imaturo quando se deixa plasmar pelos agentes e formadores, sem assumir em primeira pessoa o próprio amadurecimento humano-vocacional, assumindo assim, as patologias dos mestres.¹⁷ Podemos, então, considerar que o candidato pode assumir o processo formativo, desde que tenha formadores *suficientemente bons*, ou seja, capazes de atender as necessidades de fundo e não a satisfação dos desejos.¹⁸ E, quais seriam as necessidades e desejos dos candidatos de hoje? Não tenho a pretensão de responder categoricamente a esta pergunta, mas me aproprio dos elementos que as Diretrizes oferecem.

As Diretrizes mencionam a *mudança de época* (Documento de Aparecida, n. 44), como a corrente que dificulta o processo formativo na atualidade. Daí, podemos identificar o seguinte:¹⁹

Necessidades	Desejos
<ul style="list-style-type: none">- Busca de ser mais e melhor;- Realizar a vontade de Deus;- Integração cultural;- Aprendizagem suficiente para enfrentar os estudos;- Formadores presentes e qualificados;	<ul style="list-style-type: none">- Não morrer, não estar conectado;- Saber dá razão da própria fé;- Idealização do <i>ser padre – avatar</i>- Diminuir as desigualdades e sub-culturas entre os candidatos;- Inquietação radical



O candidato é levado, assim, a viver a salutar tensão entre necessidades e desejos. Este processo dialético levará a uma maturidade re-significadora pela independência, na proporcionalidade da identidade – idades da vida – com a natureza e missão do presbítero, homem de comunhão e personalidade madura. Entretanto, muitos candidatos, filhos da era da *vida de inconstâncias*, sofrem de alguns sobressaltos,

Nos tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as *setas do tempo linear* se cruzam com o enroscamento do *tempo cíclico*. Temporalidades zigzagueantes e velozes, próprias de uma sociedade dromo [...] crítica, na qual os tempos fortes se cruzam com os fracos e, em ambas, se vivem os chamados contratempos. São muitos destes contratempos que caracterizam a condição juvenil contemporânea.²⁰

Entender, portanto, as necessidades do jovem candidato ao presbiterado é um desafio cada vez maior, pois, *os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos de vida cujos trajetos nem sempre os alcançam.*²¹ Por conseguinte, o futuro parece ser um grande fracasso que não vale a pena investir, consequentemente, a vivência do dia-a-dia se torna o único investimento possível. Para o projeto de formação presbiteral isto é um tremendo problema, pois atua no protagonismo do jovem candidato e se torna um risco, quer dizer, ele aposta tudo no hoje e se orienta pela incerteza, foge, por sua vez, da realidade. Para o formador,²² permanece o desafio de desencadear as *sensibilidades performativas* do jovem candidato,²³ nas quais ele encontra as culturas juvenis escondidas. Quando o animador vocacional ou o formador ou os formadores, com a melhor ingênua boa vontade, corre para atender aos desejos do candidato, no primeiro sinal de crise e incerteza, cai na negação da maturidade e impede o discernimento vocacional consciente.

2. SEGUNDO ASPECTO: A FAMÍLIA DO CANDIDATO

As Diretrizes, de certa forma a Igreja no seu todo, deposita confiança demasiada na família como berço da pastoral vocacional.²⁴ Entretanto, um estudo mais apurado da sociedade moderno-contemporânea e sua influência na família, nos alerta:

A família e o parentesco constituem um domínio em que a hierarquia é, por definição, estruturante. As relações entre parentesco e gerações são marcadas por regras através das quais os indivíduos são englobados em unidades maiores, estabelecendo precedências e limites, construindo e disciplinando sentimentos e afetos. No entanto, na sociedade moderno-contemporânea, a difusão de valores individualistas gera contradições, pois a ênfase no valor-indivíduo contrapõe-se à hierarquia familiar tradicional. Assim, a família nuclear moderno-contemporânea vive o paradoxo de produzir indivíduos ao mesmo tempo em que mantém, mesmo que precariamente, uma dimensão de englobamento.²⁵

Ora, esta realidade paradoxal, re-significa o papel da família no processo de conscientização cristã e, muito ainda, no discernimento vocacional. Ao mesmo tempo em



que o olhar dos agentes vocacionais deve pousar sobre a família moderno-contemporânea, precisa urgentemente atender a especificidade de cada candidato.²⁶ Neste sentido, as Diretrizes criaram um gancho importante com a contemporaneidade.

Por sua vez, Winnicott considera que o fator genético familiar não é determinante para o amadurecimento psíquico e físico da pessoa,²⁷ quer dizer, um indivíduo só receberá a carga patológica da família se, durante seu desenvolvimento, for levado a experimentar estas patologias. *Muitas vezes, diz o pediatra psicanalista, o fator hereditário é inexistente ou irrelevante nas questões psicóticas.*²⁸ Então, julgar os fatores positivos ou problemáticos de um jovem candidato apenas pela família é um risco, pois a mesma não pode ser simplesmente considerada como determinante para o seu amadurecimento e opções de vida. Neste aspecto, Winnicott se afasta de Freud que considera o ser humano como apelo egocêntrico-individualista, pura satisfação de desejos. Como também de Sartre, pelo menos na sua obra, *O existencialismo é um humanismo*, na qual defende uma liberdade ilimitada, cujo projeto de vida do ser humano é totalmente egocêntrico.²⁹ Precisamos, portanto, à luz desta literatura, repensar o valor que damos a família biológica e como é possível criar um ambiente familiar substituto, no qual o jovem candidato experimente valores e internalize atitudes que reinterpretem seu modo de ser e orienta sua capacidade de responder ao Senhor que chama no outro, pois a vocação é, antes de tudo, *a experiência da responsabilidade ética.*³⁰

3. TERCEIRO ASPECTO: AS VIVÊNCIAS HUMANO-AFETIVO-SEXUAIS

O número 250 das Diretrizes afirma que: *sem a formação humana, toda a formação presbiteral ficaria privada do seu fundamento.* Mais adiante o número 251 reforça esse princípio, com a seguinte declaração: *A primeira e permanente tarefa da formação humano-afetiva visa ajudar o formando a amar a si mesmo.* Como se fosse pouco, o número 255, das mesmas Diretrizes, reforça o já dito com uma afirmação lapidar: *Não se constitui uma estrutura humana saudável sem uma bem elaborada e clara identidade sexual.* São considerações que fundamentam o processo de amadurecimento inato no ser humano, a partir de suas vivências, experiências, conquistas e perdas. A questão que me proponho a verificar é: quais são as experiências humano-afetivo-sexuais que o jovem candidato traz que precisam ser re-elaboradas? O que impossibilita uma autêntica vocação? Os fatos são de grande complexidade. Aproprio-me de duas questões que, no mundo moderno-contemporâneo, influenciam nos jovens: o *zoar* e o *ficar.*³¹

A *zoação*, no sentido semiológico, significa fazer ruído. Os jovens *zoam* em qualquer lugar e com qualquer pessoa, de modos diversos. É possível *zoar* com a roupa das pessoas, sobretudo de outros jovens, no jogo de futebol, na balada, na sala de bate-papo. Trata-se de uma descarga de energia grupal. Não tem sentido *zoar* de algo sem a galera. Os jovens candidatos ao presbiterado são filhos desta geração que *zoa*. Também eles tiram sarro de alguma situação, usam códigos para *zoar* com o formador e com os membros da comunidade. Também *zoam*



quando o tema é afeto e sexo. No processo de amadurecimento, eles aprenderam a *zoar* dos outros, assumindo a pele de gozadores, tirando, às vezes, proveito da própria condição de sexualmente ativos.

A questão é: em que momento da vida eles param de *zoar*, silenciam, e começam a ouvir os gritos e gemidos da própria condição de humanos, vítimas também eles da *zooação* dos outros? Aqui entram as experiências afetivo-sexuais que melindram ou amadurecem. O latido dos cães³² revela tesouros que os outros não vêem, porque tem medo de serem devorados. O candidato que aprende a linguagem desta *zooação* interior consegue descobrir seus próprios mistérios, desejos e vontades de mente e coração, porque, de certa forma, o ser humano perdeu o sentido do Mistério e se afasta dos próprios medos. Quem foge dos medos não consegue amadurecer.

Ficar é uma expressão que pode ser atribuída ao coaxar dos pássaros,³³ é outra linguagem juvenil que manifesta comportamentos de passagem, transitoriedade.

Ficar é uma experiência de estar com o outro, trocar carícias, intimidades, descobertas e sensações sobre o corpo e sobre si mesmo. Rolam beijos, abraços, e, eventualmente, pode-se chegar a uma transa. Os limites do ficar são determinados pelo próprio casal. Em geral, inclui afetividade, porém, não há um compromisso de continuidade ou exclusividade, mas o ficar poderá se transformar em namoro.³⁴

Quem apenas *fica*, beija, não necessariamente transa. Trata-se de algo espontâneo e efêmero, mais comum nos homens. Parece que o homem tende mais a ficar, ter menos compromisso, menos romantismo; enquanto a mulher é mais carinho e sentimento.³⁵ A socióloga Maria Isabel descreve que,

Nos regimes que compõem as novas semióticas afetivas em torno do 'ficar', o beijo assume a condição de *performance*, de intransitividade, fisicalidade, arma corporal, descarga rápida de emoção. Princípio e fim. Ubiquidade do ato [...] é a condição irrefreável *zapping*.³⁶

Zoar e *ficar* são, portanto, expressões de uma vida frenética na qual o jovem está sujeito a vivências, muitas delas até falsas – perda de sentido. Por exemplo, ele pode chegar com o grupo ou até com o formador e dizer que já ficou ou não ficou, pegou ou não pegou, quer dizer, já transou ou não, porém, nunca aprofundou relações de significado. O rapaz que pegou muitas mulheres é visto como herói e, é promovido pelo grupo. Pode acontecer que um jovem candidato ao presbiterado que já ficou, hoje é comum, seja considerado mais *maduro* afetivamente que outro que nunca ficou ou vice-versa. A experiência deve ser analisada pelo formador para ver como andam as necessidades escondidas. O jovem candidato que bate à porta das nossas casas de formação e seminários são filhos desta geração e merecem nossa acolhida e acompanhamento.



Merece também aqui um breve aceno sobre os *corpos voláteis*,³⁷ ou seja, a cultura gay. Sentir-se gay, hetero, metrosssexual, *bi-cuious*³⁸ é uma questão pantanosa no mundo juvenil. Os jovens são bombardeados por esta cultura nas mídias, sobretudo. A Igreja considera a tendência homossexual como *desordenada*,³⁹ portanto, aqueles que praticam a homossexualidade não podem ser admitidos ao seminário, caso diverso se for um *problema transitório*. De outro lado, José Lisboa, defende a tese de que: *não se deve proceder a uma seleção das pessoas como se elas fossem pecadoras e irremediáveis apenas pelo fato da sua condição sexual*,⁴⁰ considera justo um acompanhamento e um itinerário para verificar o grau de homossexualidade. O problema é quando esta *cultura* entra a fazer parte das casas de formação e dos seminários, camuflando atitudes e esvaziando a consciência moral e ética dos atos.

Como disse acima, o terreno é pantanoso. As Diretrizes não tecem consideração a respeito, por isso, não aprofundo a questão, mas o problema está posto e será preciso refletir com os agentes de animação vocacional e formadores.

O constatável na vivência de muitos candidatos é que muitos passam por várias vivências. Manifesta-se, assim, o fenômeno moderno-contemporâneo da *sensação do vazio*,⁴¹ ou seja, o indivíduo é um desamparado narcisista. Neste sentido, a identidade surge como o preenchimento do vazio,

Somente a ilusão de uma identidade pode eventualmente preencher o vazio. Por mais ilusório que seja o sentimento de identidade é um dado essencial par a vida de um sujeito, confrontado com a ameaça da mente psíquica.⁴²

A este respeito, o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, na sua obra, *Comunidade [...]*,⁴³ defende a tese de que o indivíduo busca na comunidade o preenchimento do vazio, entretanto, isto tolhe sua liberdade. Há aqui um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o jovem candidato busca, na comunidade religiosa ou no seminário, a segurança e uma identidade, ele se ressentido do espaço para *zoar e ficar*. Surgem, então, as *comunidades estéticas*. Segundo Bauman, estas comunidades oferecem ídolos, mas não criam vínculos eternos. Talvez, em muitos candidatos, a casa de formação ou seminário, é apenas um espaço estético, mas não gera sentido de pertença com a Instituição, simplesmente ficam. Consequentemente, o indivíduo tem dificuldade de construir identidade sólida e estável com vínculos comunitários permanentes. Portanto, o formador precisa observar, avaliar e saber compreender a linguagem dos cães e o coaxar dos sapos, que estão no interior do candidato.

4. QUARTO ASPECTO: EXPERIÊNCIAS DE VIDA ECLESIAL – A COMUNIDADE

Já constatamos que, na contemporaneidade, o indivíduo sofre de uma *nostalgia de comunidade*. Nela, o indivíduo encontra segurança, aconchego, confiança. No entanto, ele sofre de ausência de liberdade.



Dados os atributos desagradáveis com que a liberdade sem segurança é sobrecarregada, tanto quanto a segurança sem liberdade, parece que nunca deixaremos de sonhar com a comunidade, mas também jamais encontraremos em qualquer comunidade autoproclamada os prazeres que imaginamos em nossos sonhos. A tensão entre a segurança e a liberdade, e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo; não encontrar a solução correta e ficar frustrado com a solução adotada não nos levará a abandonar a busca – mas a continuar tentando. Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la.⁴⁴

Na pedagogia salesiana, a comunidade também se expressa nos grupos juvenis – associacionismo. Criados pelos jovens, os grupos se tornam espaço de comunidade e liberdade de ação, com a riqueza do protagonismo. Hoje, as *comunidades temporárias* ou *tribos juvenis* são a versão contemporânea desta realidade inata de estar com os outros e partilhar sonhos. Talvez, seja uma resposta ao paradoxo que Bauman nos apresenta. Um grupo juvenil ou grupo vocacional, mesmo que temporário, é um espaço de liberdade e criação. Assim, acredito que o grupo exerça o papel de afluente que desemboca no grande rio – a comunidade – *lugar privilegiado de experiência cristã e evangelização*,⁴⁵ na qual o jovem se insere, oxigenando e trazendo novas experiências de vida. Desta experiência eclesial grupal e ampla, eles chegam as casa de formação e seminários. O risco está na queima de etapas, ou seja, quando o jovem não passa pelo grupo e comunidade eclesial e cai numa casa de formação, ele volta a ser meramente gelo sem desejo. O desejo, por sua vez, é a *tensão da pessoa para algo que a supera, que está mais alto, que brilha e, por isso, a fascina e atrai*,⁴⁶ e que deve ser mantido acesso, a fim de que o candidato amadureça na sua resposta vocacional.

Assim, como na vida comunitária, a pessoa jamais está satisfeita; também no processo formativo, o candidato deve ser compreendido na sua insatisfação, é a *pedagogia da inquietude* com a medida certa da *pedagogia da consolação*.⁴⁷ Portanto, o candidato é ajudado a avaliar, orientar e fundamentar suas opções e não ignorá-las, permitindo que o agente de pastoral vocacional ou o formador atenda seus desejos.

Nas Diretrizes, aparece claramente o grupo como uma necessidade, para ajudar no aprofundamento da vocação.⁴⁸ Sua função é manter vivo o desejo e rejeitar todo tipo de apadrinhamento que polui os desejos e mata a vida presente, no processo de amadurecimento vocacional.⁴⁹ Por isso que, Winnicott, dizia que a mãe ou o pai, são os causadores das psicoses dos filhos, pois matam o desejo. Por analogia, podemos dizer que o formador ou o agente vocacional que atende a todos os desejos dos candidatos produz os maus pastores, os amargos e incongruentes, pois, arrancam o sentido do Mistério da vida do jovem.⁵⁰

5. QUINTO ASPECTO: AS MEDIAÇÕES DO CHAMADO

Que Deus chama é uma realidade inegável. Os meios é que são variáveis. Eis o ponto nevrálgico da pedagogia vocacional. Trata-se do mistério da vocação que se orienta



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 15-31
evangelicamente, como bem refletiu João Paulo II.⁵¹ Neste sentido, em Dom Bosco, os sonhos foram mediações do chamado de Deus, sobretudo o assim chamado *sonho dos nove anos*.⁵² O sonho é uma mediação porque não *dissimula, ensina*.⁵³

As Diretrizes apresentam também a *mudança de época* (Documento de Aparecida, n. 44), como uma mediação que é preciso compreender para discernir as tendências que estão impregnadas nos jovens.⁵⁴ Então, em vez de observar o fenômeno com desconfiança e medo, é preciso encarar com fé, pois neste processo habita Deus, é uma nova criação.

Outra mediação a ser levada em consideração é o *processo histórico pessoal*⁵⁵ do candidato. Aqui, é relevante o *mapa da vida do jovem*⁵⁶ com todas as suas pistas, obstáculos, veredas e atalhos. Não é fácil, porque existem jovens, segundo Cencini, que não conseguem discernir:

São sujeitos *que não conseguem discernir* porque permanecem frios e indiferentes; há também aqueles que *não conseguem vê e não sentem*, porque têm uma distorcida imagem de si e não conseguem colher as provocações presentes no ambiente e nas pessoas. São produtos da sociedade do efêmero. Outros são aqueles que *se deixam levar pelos outros* e não exigem muito de si mesmos, são eternos adolescentes que não conseguem discernir. Há também aqueles candidatos que *pensam, mas não fazem nada*, pois, refletem pouco, até levam a sério as coisas, mas levam o discernimento sem decisão final. Assimilam pouco e produzem pouquíssimo. Também temos aqueles que *fazem e não pensam*, estão bloqueados entre o juízo de si e a ação. Não conseguem aprender nada da experiência e repetem sempre a mesma coisa.⁵⁷

Evidentemente, um candidato que apresenta o avesso desta tipologia Cenciniana tem maiores condições de discernir em meio às mediações. Outra mediação importante, no processo, é a vivência do *Mistério da Trindade, Cristocêntrica e Eclesial*.⁵⁸ O candidato precisa formar-se nesta realidade trinitária, na consciência de que é missionário do Pai, configurado a Jesus Cristo para servir com a força do Espírito Santo. Esta realidade de fé não se improvisa, mas se internaliza ao longo do processo. O jovem candidato aprende, assim, a compreender a presença de Jesus Cristo que fascina e, ao mesmo tempo, conduz e acompanha.

Coerentemente, a mediação eclesial, já comentada acima, configura o candidato como presença de Cristo, animador da comunidade e agente de comunhão e participação.⁵⁹ Concordo também com a afirmação de que o chamado ao celibato é uma mediação,⁶⁰ pois o candidato viverá sempre mergulhado no amor de Cristo, portanto, sem aquele “vazio contemporâneo”, do qual fala Bauman. Jesus Cristo preenche o vazio da pessoa que se entrega a Ele de coração indiviso, somente assim o celibato é possível.⁶¹ Caso contrário, será perda de energia e tremenda angústia.⁶²



6. A BASE DE SUSTENTAÇÃO DO MISTÉRIO DO CHAMADO

Para favorecer a atenção das necessidades do candidato ao presbiterado e alimentar de forma salutar seus desejos, é importante algumas estruturas de base no processo, que sejam organizadas e flexíveis, capazes de oferecer um acompanhamento grupal e personalizado.⁶³ O ideal não é destacar uma pessoa como agente vocacional ou apenas um formador, mas uma equipe, mais ainda, uma *comunidade vocacional*, capaz de ser proposta de vida como vocação, uma verdadeira cultura vocacional.⁶⁴

Uma comunidade é vocacionalmente significativa e eficaz, quando os seus membros descobrem a convergência de fundo entre projeto individual e coletivo, e faz com que tal convergência seja também operativa, nos fatos, nos programas, ao trabalharem todos em conjunto, para a mesma finalidade (sinergia), cada um com o contributo ineliminável da sua originalidade.⁶⁵

Cencini reforça ainda esta afirmação ao dizer que: *uma comunidade de santos individualistas nunca será uma comunidade vocacional; ou na maior parte dos casos, atrairá algum jovem tresmalhado e com medo de se reencontrar sozinho e enfrentar a vida.*⁶⁶ Não seria isto verdade? Por isso, a tese de Cencini é que do agente vocacional, indivíduo, a comunidade se torne ambiente de proposta e, dela, toda a Província religiosa. Em analogia, podemos dizer que do agente diocesano, toda a comunidade dos padres, toda a comunidade paroquial e, por fim, toda a diocese. Eis, então, o desafio de uma cultura vocacional.

Em consequência, elenco as bases desta cultura que o papa João Paulo II, na mensagem para o Dia de oração pelas vocações, precisava urgentemente ser levada em conta:⁶⁷

1. Todo o Povo de Deus é agente vocacional:⁶⁸ temos aqui um gancho muito importante nas Diretrizes com a realidade moderno-contemporânea. Trata-se de uma Igreja vocacionada na diversidade de seus carismas e ministérios;
2. A organização diocesana, dos Institutos e Sociedades Apostólicas, com todos os grupos associativos juvenis,⁶⁹ que vivem a missão eclesial como serviço;
3. O itinerário vocacional que ajude o candidato a fazer caminho de discernimento e a avaliar seu amadurecimento à luz de critérios eclesiais, segundo a vocação presbiteral;⁷⁰
4. Atenção especializada aos jovens-adultos que desejam fazer um caminho de discernimento;⁷¹



5. O aspirantado, no caso das casas religiosas, e o propedêutico, para as dioceses ou seminários menores, serão o ambiente substituto da experiência familiar, com pessoas que saibam acompanhar;
6. O ano propedêutico como possibilidade de estudo de base, para diminuir as desigualdades entre os candidatos, é uma opção válida desde que não se torne uma etapa desconectada do discernimento vocacional;⁷²
7. O candidato afro descendente e indígena não pode ser desligado de suas raízes culturais. A formação inculturada terá, aí, seu gancho fundamental;⁷³
8. O seminário maior ou casa de formação, específica para os religiosos destinados ao presbiterado, devem ser organizados com pessoal qualificado e não pode ser um ambiente fechado, mas escola de fraternidade, exercício da caridade, ação pastoral acompanhada, vivência da Palavra de Deus,⁷⁴ ou seja, lugar que favoreça a atenção às necessidades humano-afetivas, com o fascínio do desejo de Deus;

CONCLUSÃO

O dado mais importante em todo o processo de amadurecimento vocacional é que o *candidato acolha e assuma, serenamente, a conclusão do discernimento como manifestação da vontade de Deus.*⁷⁵ Sem chegar nesta certeza, o candidato não terá paz e viverá a eterna incerteza de ser chamado ou não a uma forma exclusiva de serviço ao Povo de Deus, na total doação de si mesmo.

As Diretrizes abrem um leque precioso para a formação dos futuros presbíteros e, porque não dizer também, para os religiosos e as religiosas no mundo contemporâneo, que precisam da criatividade e da ousadia dos formadores, das comunidades, das dioceses e das províncias, com capacidade de fazer o ato de fé naquilo que segue:

1. Todo candidato possui, de forma inata, a capacidade de amadurecer vocacionalmente e dá uma resposta generosa ao chamado gratuito de Deus;
2. Ao agente vocacional, equipes, formadores, dioceses e províncias religiosas não cabem atender aos desejos do candidato, mas permitir a dúvida salutar, na luta psicológica e afetiva, para cavar o Mistério de Deus, no latir dos cães e no coaxar dos sapos, presente na sua interioridade;
3. As estruturas de acompanhamento grupal e individual não podem fechar o candidato em si mesmo, mas possibilitar as relações de reciprocidade, o contato com o Povo, a purificação das motivações e intenções e a unidade do humano-afetivo-sexual;



4. A formação é contínua, em todas as fases da vida, com todas as suas surpresas, avanços e retrocessos, sempre à luz da fé (1Pd 3,15);

5. A Igreja será uma *boa mãe*, no dizer de Winnicott, na medida em que permitir a seus filhos a frustração, o sim e o não, para gerar a salutar independência, na co-responsabilidade da missão e na coerência de vida, segundo o dom recebido. Caso contrário, produzirá pessoas amargas, psicóticas e infantis.

BIBLIOGRAFIA

A FORMAÇÃO DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO. Princípios e normas, *Ratio fundamentalis Institutionis et Studiorum*. 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2000.

BONATO, Giannantonio. *Escutar o desejo*. In: Cadernos Salesianos, ano 2. n. 3, jan/jun, (2010).

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2003.

CENCINI, Amedeo. *Os jovens ante os desafios da vida consagrada, interrogações e problemáticas*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Vocações da nostalgia à profecia, a animação vocacional à prova da renovação*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Vita consacrata, itinerário formativo lungo la via di Emmaus*. Milano: San Paolo, 1994.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes para a formação dos prebíteros da Igreja no Brasil*. Documento da CNBB, n. 93. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Guia pedagógico de Pastoral Vocacional*. Estudos da CNBB, n. 36. 5. ed., São Paulo: Paulinas, 1985.

CONGREGAÇÕES PARA AS IGREJAS ORIENTAIS, RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SEculares, EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, EDUCAÇÃO CATÓLICA. *II Congresso Internacional de Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesíásticas*. Documento Conclusivo. Vaticano: Poliglota, 1982.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendência homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (06/01/1970).



- Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 15-31
- DE ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.), *Culturas jovens, novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2006.
- DE OLIVEIRA, José Moreira Lisboa. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2007.
- DE TOLEDO, Maria Alves Brune, *O jovem e o ficar*. São Paulo: OMEGA, 2001.
- _____. *Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades*. Campinas: ATOMO, 2004.
- DIAS OLIVEIRA, Elsa. *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: IMAGO, 2003.
- FAVALE, Agostino. *A formação inicial dos candidatos ao presbiterado*. São Paulo: Palavra e Prece, 2008.
- FERREIRA, Antônio da Silva. *A presença de Nossa Senhora nos sonhos de Dom Bosco*. In: Cadernos Salesianos, ano 2. n. 3, jan/jun, (2010).
- GEVAERT, Josef. *La vocazione umana*. In: Agostino Favale (a cura), *Vocazione comune e vocazioni specifiche, aspetti biblici, teologici e psico-pedagogico-pastorali*. 2. ed. Roma: LAS, 1993.
- GARCIA, Mary Castro; ABRAMOVAY, Miriam; DA SILVA, Lorena Bernadete (org.). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.
- JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A vivência do prazer na vida consagrada*. São Paulo: Palavra e Prece, 2010.
- PONTÍFICA OBRA DAS VOCAÇÕES ECLESIASTICAS. *Desenvolvimento da pastoral das vocações nas Igrejas Particulares*. Vaticano: Poliglota, 1992.
- VIDAS, Marciano. *sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.

NOTAS

* **Padre João da Silva Mendonça Filho**, sdb, é presbítero salesiano.

¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes para a formação dos presbíteros na Igreja do Brasil*, Documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, n. 93. São Paulo: Paulinas, 2010.

² O termo LIQUIDEZ é usado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, responsável por uma produção literária de qualidade sobre o assunto, reconhecido com o prêmio AMALFI, em 1989, pelo livro *Modernidade e Holocausto*, ADORNO, pelo conjunto de sua obra, em 1998 e PRINCIPE DAS ASTURIAS, em 2010. No Brasil, Bauman tem mais de 12 livros traduzidos: *Amor Líquido*, *Comunidade*, *Em busca da política*,



Globalização: as conseqüências humanas, Identidade, O mal-estar da pós-modernidade, Modernidade líquida, Tempos líquidos, Vida líquida, Vidas desperdiçadas, entre outros. A descrição de uma sociedade que se desfaz, fragilizada, em seus valores e crenças, preocupa o estudioso e nos questiona como agentes de evangelização e formadores das novas gerações de presbíteros e consagrados/as.

³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (06/01/1970). Importante, também, as Instruções da referida Congregação, com o Documento: *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendência homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens*. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁴ CONGREGAÇÕES PARA AS IGREJAS ORIENTAIS, PARA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECULARES, PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS E EDUCAÇÃO CATÓLICA. *II Congresso Internacional de Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesiais, desenvolvimento da pastoral das vocações nas Igrejas particulares: experiências do passado e programa para o futuro*. Roma: Cidade do Vaticano, 1982.

⁵ PONTIFÍCIA OBRA DAS VOCACÕES ECLESIASTICAS. *Desenvolvimento da pastoral das vocações nas Igrejas particulares*. Roma: Cidade do Vaticano, 1992.

⁶ JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis, sobre a formação dos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1992.

⁷ CNBB. *Guia pedagógico de Pastoral Vocacional*, estudos da CNBB n. 36. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1985, (infelizmente este documento não foi ainda oficializado e atualizado); CNBB. Setor Vocações e Ministérios, *A pastoral vocacional no continente da Esperança*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994; CNBB. Setor Vocações e Ministérios, 1º. *Congresso vocacional do Brasil*, documento final. Itaipic: São Paulo, 1999; CNBB. Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada, 2º. *Congresso Vocacional do Brasil*, documento final, Itaipic: São Paulo, 2005. Aconteceu, também, em fevereiro 2011, o 2º. Congresso Continental Latino Americano e Caribenho sobre a Pastoral Vocacional na Costa Rica, mas até o momento o documento final não foi publicado.

⁸ *Ibidem*, n. 9.

⁹ JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, op. cit., n. 31.

¹⁰ *Ibidem*, n. 33.

¹¹ *Ibidem*, n. 34.

¹² *Ibidem*, n. 69.

¹³ *Ibidem*, n. 8. CONGREGAÇÕES PARA AS IGREJAS ORIENTAIS, PARA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECULARES, PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS E EDUCAÇÃO CATÓLICA. *II Congresso Internacional de Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesiais*, op. cit., n. 39. PONTIFÍCIA OBRA DAS VOCACÕES ECLESIASTICAS. *Desenvolvimento da pastoral das vocações nas Igrejas particulares*, op. cit., n. 73.

¹⁴ RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONIS ET STUDIORUM. *A formação dos Salesianos de Dom Bosco, princípios e normas*. 3. ed. Roma, 2000, n. 1.

¹⁵ João Paulo II, *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, op. cit., n. 69. RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONIS ET STUDIORUM. *A formação dos Salesianos de Dom Bosco, princípios e normas*, suplemento, op. cit., n. 17. CNBB. *Diretrizes*, op.cit., n. 90.

¹⁶ FAVALE, Agostino. *A formação inicial dos candidatos ao presbiterado*. São Paulo: Palavra e Prece, 2008, p. 24.



¹⁷ DIAS OLIVEIRA, Elsa. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: IMAGO, 2003, p. 133. Winnicott foi um pediatra que nos anos 20, exercendo suas atividades de medicina, começou a estudar o comportamento dos bebês e entendeu que o problema não era as crianças, mas seus pais, sobretudo a mãe, pois, estes sempre corriam para atender aos desejos dos bebês, evitando sempre qualquer tipo de frustração. A partir deste estudo ele começou a estudar psiquiatria e desenvolveu a teoria do *amadurecimento inato* e a teoria dos *distúrbios psíquicos*. Como psicanalista e pediatra, Winnicott dedicou-se às patologias psicóticas. Para ele o amadurecimento pessoal está relacionado a duas concepções: 1) A tendência inata do ser humano ao amadurecimento; 2) A existência de um ambiente que facilite o processo.

¹⁸ *Ibidem*, p. 93.

¹⁹ Cf. CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n 33.

²⁰ DE ALMEIDA MENDES, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (org.), *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2006, p. 9.

²¹ *Ibidem*, p. 10.

²² As Diretrizes traçam um perfil dos formadores bastante significativos: 1) presença qualitativa e constante no meio dos candidatos; 2) Equipe afinada em suas diferentes funções diretor, diretor espiritual, professores, assessoria pedagógica, orientadores de atividades pastorais; 3) Testemunha de vida presbiteral (Cf. n. 234-243); Na Pastores *Dabo Vobis*, se orienta: *o grupo dos formadores dê testemunho de uma vida verdadeiramente evangélica e de total dedicação ao Senhor. É oportuno que goze de uma certa estabilidade e tenha residência habitual no seio da comunidade do Seminário* (Cf. n. 66); Amedeo Cencini, com sua ampla experiência na formação descreve que os formadores precisam saber: 1) Estimular os jovens a discernir, como um estilo de vida pessoal e não como técnica, não pode temer as crises dos formandos; 2) Acompanhar os jovem no processo de decisão com uma presença discreta; 3) Avaliar junto com o jovem os sentimentos, as conseqüências, as certezas e incertezas, conduzir com paciência e confiança a veracidade do chamado (Cf. CENCINI, Amedeo. *Vita consagrada, itinerário formativo lungo la via de Emmaus*, Milano: San Paolo, 1994, p. 188-190; Agostino Favale descreve ainda as funções do diretor e dos professores (Cf. FAVALE, Agostino. *A formação inicial dos candidatos ao presbiterado*, op. cit., p. 50-52; O documento que orienta a formação dos Salesianos de Dom Bosco diz claramente que *os formadores fazem um trabalho de equipe: comunicação, coesão, unidade e lealdade no desenvolvimento das diversas tarefas e dos diversos papéis. Eles constituem com o Diretor uma equipe, por ele animada, cônica da própria responsabilidade comum. Empenham-se por unificar os critérios de formação e de avaliação e juntos programam a vida da comunidade. Estão habitualmente unidos a quantos, de um modo ou de outro e nos diversos momentos, estão envolvidos no processo formativo. São mediadores da ação de Deus e da responsabilidade da Inspetoria. Homens de oração e de sabedoria espiritual sabem ajudar os irmãos a discernir a ação e os sinais da vontade de Deus*. Cf. RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONIS ET STUDIORUM. *A formação dos Salesianos de Dom Bosco, princípios e normas*, op. cit., n. 235-237.

²³ Por *sensibilidade performativa* entenda-se não aquilo que já está prescrito como valor universal, mas o que o jovem assume no cotidiano nos modelos que encontra e nos quais se inspira (Cf. DE ALMEIDA MENDES, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, op. cit., p. 12-13.

²⁴ CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n. 105.

²⁵ DE ALMEIDA MENDES, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, op. cit., 195.

²⁶ CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n. 113.

²⁷ DIAS OLIVEIRA, Elsa. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, op. cit., p. 116.

²⁸ *Ibidem*, p. 117.



²⁹ GEVAERT, Josef. *La vocazione umana*. In: FAVALE, Agostino (a cura). *Vocazione comune e vocazioni specifiche, aspetti biblici, teologici, e psico-pedagogico-pastorali*. 2. ed., Roma: LAS, 1993, p. 232-235.

³⁰ *Ibidem*, p. 238.

³¹ DE ALMEIDA MENDES, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, op. cit., p.146-157; DE TOLEDO, Bruns Maria Alves, *Conversando sobre sexualidade, o jovem e o ficar*. São Paulo: OMEGA, 2001. ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Castro Mary; DA SILVA, Bernadete Lorena, *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004, p. 87-103.

³² Trata-se de uma estória narrada por Anselm Grun que transcrevo no meu livro. Cf. MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A vivência do prazer na vida consagrada*. São Paulo: Palavra e Prece, 2010, p. 68-70. Os cães que ladram, no interior da torre de nossas vivências, *zoam* e falam de verdades escondidas no fundo de nossas vidas.

³³ *Ibidem*, 71. Assim como o coaxar dos sapos tem diferentes tonalidades e ritmos, o *ficar* tem formas diversas de equacionar prazer sexual e afetividade.

³⁴ ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Castro Mary; DA SILVA, Bernadete Lorena. *Juventudes e sexualidade*, op. cit., p. 87.

³⁵ *Ibidem*, p. 90-91.

³⁶ DE ALMEIDA Mendes Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, op. cit., p. 150.

³⁷ *Ibidem*, p. 158. Interessante, também, conferir o que pensa a Igreja e os teólogos moralistas e pastoralistas sobre o assunto. Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendência homossexual e da sua admissão ao seminário e às Ordens sacras*. São Paulo: Paulinas, 2005. VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na Moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 181-187. DE OLIVEIRA, Moreira José Lisboa. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2007.

³⁸ *Ibidem*, p. 163.

³⁹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendência homossexual e da sua admissão ao seminário e às Ordens sacras*, op. cit., p. 9.

⁴⁰ DE OLIVEIRA, Moreira José Lisboa. *Acompanhamento de vocações homossexuais*, op. cit., p. 13.

⁴¹ DE ALMEIDA, Mendes Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, op.cit., p. 178.

⁴² *Ibidem*, p. 181.

⁴³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2003.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 10.

⁴⁵ CNBB, *Diretrizes*, op. cit., n. 181.266.

⁴⁶ BONATO, Giannantonio. *Escutar o Desejo*. In: Cadernos Salesianos, ano 2, n. 3, jan/jun, (2011), p. 12.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 19. CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n. 275.

⁴⁸ CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n. 128.

⁴⁹ *Ibidem*, 130.



⁵⁰ Neste aspecto, Amadeo Cencini defende a tese que os jovens perdem o senso do Mistério, pois, na medida em que eles não vivem mais os grandes contrastes, não possuem expectativas e aspirações particulares, são pragmáticos. Cf. CENCINI, Amadeo. *Os Jovens ante os Desafios da Vida Consagrada, Interrogações e Problemáticas*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 7-8.

⁵¹ JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, op. cit., n. 10.

⁵² FERREIRA, Antônio da Silva. *A presença de Nossa Senhora nos sonhos de Dom Bosco*, In: Cadernos Salesianos, ano 2, n. 3, jan/jun, (2011), p. 55-66. MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A Corda bamba e a certeza, o santo Dom Bosco*. 2. ed. São Paulo: Palavra e Prece, 2010, p. 32-35.

⁵³ FERREIRA, Antônio da Silva. *A presença de Nossa Senhora nos sonhos de Dom Bosco*, op. cit., p. 58.

⁵⁴ CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n. 33.

⁵⁵ *Ibidem*, n. 133.

⁵⁶ CENCINI, Amadeo. *Vita consagrada, itinerário formativo lungo la via de Emmaus*, op. cit., p. 178-183.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ CNBB. *Diretrizes*, op. cit., n. 278.280.

⁵⁹ *Ibidem*, n. 116.279.

⁶⁰ *Ibidem*, n. 281.

⁶¹ MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A vivência do prazer na vida consagrada*, op. cit., p. 44.47-51.

⁶² *Ibidem*, p. 54-55.

⁶³ CNBB. *Diretrizes*, op.cit., n. 106.

⁶⁴ CENCINI, Amadeo. *Da nostalgia à profecia, a animação vocacional à prova de renovação*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 64-72.

⁶⁵ *Ibidem*, 67.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 70.

⁶⁷ JOÃO PAULO II. *Mensagem para a XXX Jornada de Oração pelas vocações (08/09/1992)*. In: L'osservatore Romano, 18/12/1992.

⁶⁸ CNBB. *Diretrizes*, op.cit., n. 105.

⁶⁹ *Ibidem*, n.107-109.

⁷⁰ *Ibidem*, n.110-111.

⁷¹ *Ibidem*, n. 112. A categoria *jovens-adultos*: são aqueles que chegam a partir dos 25 anos.

⁷² *Ibidem*, n. 124-128.131-134.

⁷³ *Ibidem*, n. 135.

⁷⁴ *Ibidem*, n. 140-141.157-158.171.174-183.

⁷⁵ *Ibidem*, n. 153.

Artigo recebido em 20/04/2011

Artigo aprovado em 02/062011